

Stadium

N.º 334

27 de Abril de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

BENFICA-ACADEMICO DE VISEU

O Benfica obteve uma boa vitória sobre o Académico de Viseu. Os beirões, novos na prova, não puderam evitar a copiosa derrota, mas actuaram com exemplar correcção. Uma fase do jogo, vendo-se Prazeres Gomes a defender uma bola alta, atacado pelo extremo Rogério. Moita observa o lance



BENFICA e F. C. PORTO

obtiveram os resultados de mais sensação da última jornada

TOMBARAM dois clubes da 1.ª Divisão. Mas saíram da «Taça» todos os outros que lhe não pertenciam: Académica de Viseu, Cuf do Barreiro, Famalicão e Académica de Coimbra, da 2.ª; F. C. Tirsense, da 3.ª —, aquele que provocou a queda mais sensacional de sempre, pois nunca um grupo de tão modestos pergaminhos derrotou um outro da categoria do Sporting...

Agora, para os quartos da final, teremos 7 grupos da 1.ª Divisão. E mais o Marítimo, do Funchal, cuja apresentação é sempre aguardada com alguma curiosidade.

Os últimos resultados:

Benfica... 13 — A. Viseu... 1
Atlético... 2 — Famalicão... 1
V. Setubal... 8 — Académica... 1
Lusitano... 5 — Tirsense... 1
Sp. Covilhã... 4 — Cuf Barreiro... 1
Sp. Braga... 1 — Belenenses... 0
Guimarães... 1 — F. C. Porto... 4

UMA apreciação rápida, de alto a baixo, indica-nos: — a copiosa vitória do Benfica, por certo que estabelecerá o recorde da «Taça»;

— o modesto resultado feito pelo Atlético, no seu campo, contra o Famalicão;

— a boa vitória dos setubalenses;

— o colapso belenense em Braga; — e a única vitória, esplêndida, por sinal, fora de casa: — a do F. C. do Porto em Guimarães.

VISEU só nas duas últimas épocas, mas nesta especialmente, pôde aparecer no primeiro plano do futebol português. Por intermédio do Académico, viram os beirões alguns jogos renhidos da 2.ª Divisão, e assistiram também a uma vitória bonita: — sobre o categorizado Elvas. Mas as suas aspirações por certo se quebraram logo que lhes calhou jogar com o Benfica, em Lisboa. O conjunto encarnado está presentemente em forma e todos se inclinaram com certeza para uma vitória mais ou menos «forte». De mais a mais no seu ambiente...

Assim aconteceu. No primeiro tempo ainda os rapazes da capital da Beira Alta se mostraram velo-

zes, dispostos a lutar contra os golos que o Benfica procurou insistentemente e logo de entrada. Depois do 1.º tempo, as dificuldades visíveis apareceram em larga escala. Oscar Tellecheia teve qualquer atrito com o árbitro — e foi expulso. E as suas possibilidades ficaram ainda mais reduzidas.

A punição foi severa para os campeões da Beira Alta. A equipa vale mais do que demonstrou no Campo Grande, pois já a vimos jogar bastante no magnífico Estádio de Fontelo. O guarda-redes Gomes tem habilidade, é valente, mas perturbou-se muitas vezes na frente dos movimentos ágeis da linha avançada contrária. Tellecheia esboça ainda bastante e foi o melhor «organizador» enquanto esteve no campo. Zeca, agradou-nos no 1.º tempo, assim como Ferreira, Cruz, José Miguel e Helder.

Embora fracassando neste encontro, não devem os visenses esmorecer. Já fizeram muito. Roma e Pavia...

Que dizer do Benfica? Tendo adversário fácil, não deixou de se empregar a fundo. Tornou por isso o desafio muito agradável para os seus admiradores, e alguns dos jogadores benfiquistas exibiram-se a grande altura. Rogério, portentoso, como nos seus grandes dias; Espírito Santo, enguia que se escapa a todas as vigilâncias; Francisco Ferreira, Melão e Moreira — dentro do seu valor. Bem os restantes. Só não gostamos da arbitragem. Entretanto, o jogo foi correcto, dando mesmo os simpáticos beirões uma bela prova da sua educação desportiva.

NA Tapadinha, dominou bastante o Atlético. Mas defendeu-se muito bem o team famalicense. Deste modo, a vitória alcantarense apareceu com dificuldade. Justa, todavia.

EM Setúbal, os campeões sadinos obtiveram uma vitória ampla — a segunda vitória «expressiva» da jornada. Na verdade, 8 tentos na baliza do «internacional» Capela, deve querer afirmar alguma coisa...

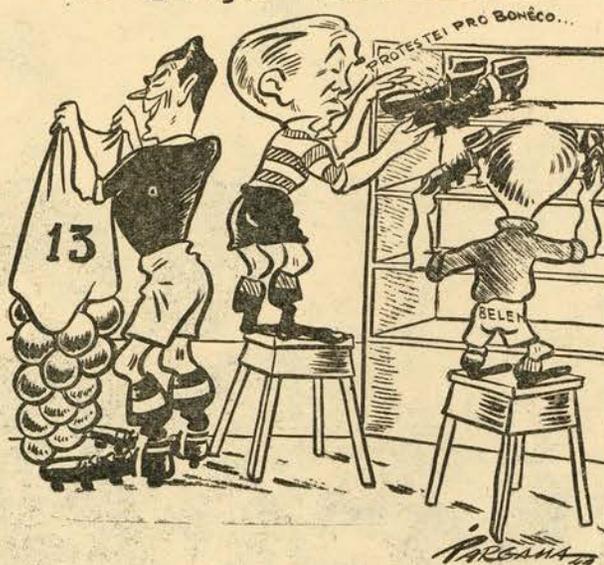
A equipa da casa, que chegou ao fim do campeonato nacional com algum embaraço, parece agora remocada e muito capaz de ir mais além.

Os estudantes de Coimbra surpreenderam-nos um pouco. Esperávamos a sua derrota, mas nunca por margem tão elevada.

O Tirsense fez mais do que podia. A equipa treinada por Artur Sousa, pejada de «reservas» do F. C. Porto (Alvaro, Cruz, Prazeres, Zeca, Falcão, Catolino, Andrade e Carriço) tem alinhado na equipa vencedora do Sporting) conseguiu chegar aos oitavos de final, e a jornada ao Algarve marcou desde logo a queda das suas aspirações.

Perdeu por 5-1, e vá lá que o resultado, embora o pareça, não é «escandaloso». Sempre é um experimentado clube da 1.ª Divisão contra uma equipa da 3.ª, e sempre é um jogo fora de casa — muito fora de casa...

A «graça» da semana



Dois «Grandes» já arrumaram as bolas! Mas o Benfica não pára...

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

FAVORITO era também o conjunto da Covilhã. Um team que dominou, na fase final do campeonato, algumas boas equipas, não deveria entregar-se aos cufistas, embora estes possuam garra e saibam lutar em qualquer campo.

BELEM não passou em Braga contra o aguerrido Sporting da capital minhota. Os vencedores marcaram primeiro, e isso foi o diabo! Os defesas da equipa da casa mantiveram-se com galhardia durante o jogo, e o ataque belenense ficou em branco, derrotado implacavelmente pela diferença mínima.

Na «Taça», todos os jogos são «finais». Os teams tem de andar ligeiros, vibrando o golpe e aparando todos os choques do adversário. A não ser assim — tem os minutos contados.

VITORIA de se lhe tirar o chapéu conseguiu o F. C. do Porto em Guimarães. Ganhar por 4-1 ao excelente conjunto minhoto constitue proeza de tomo numa prova deste género.

Segundo a crítica, Barrigana, Alfredo, Virgílio e Carvalho, os homens da defesa «portista», actuaram a grande altura, animando o ataque. Este, excelentemente pontado por Fandiño, um elemento que sabe do seu ofício, fez quanto era possível para tranquilizar alguns milhares de adeptos que foram das margens do Douro até ao campo da Amoreira.

Os vimaranenses, a despeito de se apresentarem na máxima força, tiveram de baixar bandeira em casa. Foi o único grupo que não conseguiu tirar benefício algum do último sortelo...

QUARTOS DE FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

Vitória de Setubal-Porto
Atlético-Lusitano
Covilhã-Sporting Braga
Marítimo-Benfica

Os desafios efectuaem-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Stadium
sairá na 5.ª feira
5 de Maio
com
a reportagem
do encontro
Torino-Benfica

ASSIM não vale!

NÃO haverá em Portugal um único desportista que não tenha seguido com ansiedade e emoção, escutando as transmissões da Emissora Nacional, o laborioso colabrador da nossa equipa de hóquei sobre patins na disputa da Taça das Nações, em Montreux.

Aos naturais sentimentos de interesse e entusiasmo, vieram porém juntar-se, no espírito público, à medida que os acontecimentos eram escutados, outros menos compatíveis com as normas mínimas da sã moral desportiva: estranheza inicial, inquietação seguinte, indignação final.

Desde a falta de lisura (foi o termo mais moderado que encontramos para os classificar) ao comportamento grosseiro do público, tudo lombou sobre os ombros dos nossos jogadores, cujo único crime foi... ganhar.

Do mesmo mal outros se queixaram e o assunto vai ser apresentado por três nações, França, Itália e Portugal, no próximo congresso da Federação Internacional, em Lisboa. Mas o caso importa-nos em particular e não podemos consenir que se repita. Pelo seu valor, pelo seu prestígio, pela sua lealdade, a equipa portuguesa de hóquei sobre patins é hoje, em qualquer parte do Mundo, um poderoso atractivo.

Temos o direito de exigir que nos respeitem e respeitem a lei desportiva. Se os organizadores suíços não podem ou não querem assegurar ao seu torneio a honestidade de processos suficientes para que se possa chamar compelição desportiva, só temos um caminho a seguir: não pôr lá os pés.

Se o público de lá se dispõe a premiar os nossos triunfos com assobios e váias, poupem-nos-lhe esse esforço musical.

Lémos alguns jornais suíços com comentários ao torneio e ficamos varados; acusam-nos de semi-profissionais, de brutalidade, de haver usado de processos que nos tiram o direito de reclamar pela vitória qualquer glória desportiva.

Esperemos pela relatórios oficiais para julgar com fundamento; mas se as coisas são realmente assim, se não houve exagero nos primeiros relatos, afirmemos com dignidade uma atitude que corresponda ao nosso impoluto passado desportivo.

S. C.

O desporto nas colónias portuguesas

MOÇAMBIQUE

Para a quarta jornada do campeonato local de hóquei em patins defrontaram-se no campo do Desportivo, os grupos do Sporting e dos Águias. A partida, muito equilibrada e disputada com vivacidade pelas duas equipas, foi das melhores últimamente jogadas. S. Lu vencedor a equipa do Sporting.

Realizou-se no campo João da Silva Pereira a penúltima jornada do torneio de preparação que assumiu foros de grande emoção. O Desportivo e o Ferroviário empataram a uma bola. O Sporting venceu o 1.º de Maio e o Indo-Português empatou com o Malhangelen.

Está definitivamente assente a vinda do afamado pugilista argentino Costac a Lourenço Marques onde se baterá com Jimmy Britt, ex-campeão sul-africano da categoria dos pesados. Na mesma sessão veremos outros pugilistas moçambicanos e estrangeiros.

O Desportivo bateu o Ferroviário por 4-2. Embora perdesse, o Ferroviário jogou muito mais. Todavia, alguns erros da defesa, mormente do guarda-redes, permitiu a vantagem fulgurante de três golos, muito difi de reconquistar num jogo de 20 minutos. O Indo-Português e o Malhangelense empataram num jogo interessante e enérgico. O terceiro encontro foi entre o Sporting e o 1.º de Maio, que teve vitória folgada sobre os «leões» por três a zero.

Seguiu no dia 11, para Germi-ton a embaixada lourenço-marquina de futebol, que disputa em Joanesburgo dois encontros com as selecções do Transval do Sul.

A Câmara Municipal contribuiu com a verba de 30 contos para ajudar a custear as despesas do estágio de alguns dias antes do desafio e, pela Associação de Futebol de Lourenço Marques, envia uma mensagem de saudação ao Mayor de Joanesburgo.

Deslocam-se, dentro de breves dias, à cidade de Durban, onde vão tomar parte nas regatas in-

ternacionais, organizadas pelos clubes The Royal Natal Yatch Club e Point Yatch Club, os elementos representativos do Clube Naval desta cidade. As provas em que este clube participará são da categoria de «Dinks», «Sharpies» e «Snipes».

Com a realização da 4.ª jornada das Provas «P incipientes» e taça «Capitão José Beltrão» iniciou-se no Domingo de Páscoa a temporada hípica, estreando se alguns novos cavaleiros e cavalos.

Acompanhado de uma grande caravana de excursionistas chegou a esta cidade o Lusitano, de Joanesburgo, que vem efectuar um desafio de futebol com uma turma composta por elementos naturais da Colónia.

Em princípios de Maio desloca-se a Quelimane o Clube Ferroviário, de Nampula a fim de realizar naquela cidade desafios das modalidades de futebol, basquetebol e voleibol.

Para a disputa da «Taça Ourry» deve deslocar-se à B-ira uma selecção desportiva da Niasslândia. Desde o ano de 1937 predomina um intercâmbio desportivo regular entre os dois territórios.

Com grande assistência realizou-se em Joanesburgo o desafio de futebol entre as selecções de Lourenço Marques e Transval do Sul. Os sul-africanos ganharam por 3-1.

MACAU

As actividades desportivas de todas as modalidades prosseguem com entusiasmo nesta Colónia. O desafio entre o grupo da Polícia de Macau e o «Kit Chi» de Hongkong, e o da selecção militar desta Colónia com o mesmo grupo, realizaram-se no Campo Desportivo 28 de Maio com a assistência de milhares de pessoas. O produto, compensador, foi destinado à construção do novo Colégio de Artes e Officinas «D. Bosco».

A selecção de «ping-pong» de Macau embarcou com destino a Singapura para uma série de jogos com grupos malaios.

BASQUETEBOLE

O VASCO DA GAMA está à frente do Campeonato Nacional

COM os jogos Vasco da Gama-Fluvial e Sangalhos-Académica, prosseguiu na última semana o campeonato nacional da I Divisão.

Os dois resultados proporcionaram vitórias aos vascos, por 34-30 e aos estudantes por 31-23. Qualquer destes «cores» merece um breve comentário, pois esperava-se triunfo mais largo dos campeões nacionais e maior equilíbrio na outra partida.

No entanto, deve notar-se que o encontro entre portuenses foi jogado com grande e tustismo, proporcionando excelentes fases de basquetebol. Os fluvialistas deram sempre réplica animosa e só na fase final do desafio o Vasco da Gama alcançou os pontos da vitória.

Quanto ao jogo de Sangalhos, deve notar-se que a Académica firmou bem a sua posição, conseguindo, no primeiro período do encontro, uma diferença confortável (22-7). Na segunda parte, o Sangalhos teve uma forte reacção, demitauando essa diferença, mas não podendo evitar a sua segunda derrota na prova.

Depois destes jogos, o Vasco da Gama colocou-se à frente da classificação geral com duas vitórias; o Barreirense e a Académica estão a seguir, empatados, com uma vitória; e o Fluvial e o Sangalhos com duas derrotas, encontram-se nos últimos lugares.

O campeonato continua a despertar um interesse muito relativo, pois, como se sabe, uma decisão, talvez, precipitada do congresso federativo afastou da prova os três representantes de Lisboa.

É natural, porém, que o bom comportamento das equipas estreantes — Académica, Barreirense e Sangalhos — sirva para uma maior animação ao torneio.

A Selecção Nacional que este ano defrontará a Espanha em Madrid, continua a treinar-se com regularidade.

No domingo, em Maceira-Liz, reuniram-se mais uma vez sob a orientação do seleccionador nacional sr. Fernando Amarel, os seguintes jogadores: Amadeu, Pina, César e Dias Leite, do Vasco da Gama; Diogo, do Fluvial; Julio Moraes, do Benfica; José Ferreira, do Atlético; Rui Duarte, do Sporting; Belo de Oliveira, do Lisboa Ginásio; e João Cruz, do Belenenses. Faltaram Cardoso e Araújo, ambos da Académica de Coimbra.

A sessão resultou bastante produtiva, pois todos os jogadores seguiram atentamente as indicações do seleccionador e se adoptaram aos diversos sistemas experimentados.

A linha defensiva parecia ser menos certa do que o comportamento atacante, onde Pina, César e João Cruz, quando juntos, se distinguiram.

A data do próximo treino não está ainda fixada.

Monteiro Pegas

Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular
de passageiros e carga
para a Africa Portuguesa
e Brasil

e de carga
para a America do Norte



Francisco Ferreira conquistou imediatamente amigos ao chegar a Lisboa. Vejamo-lo entre dois dos mais fieis: Albino e Valadas

AS MEMÓRIAS DE

XICO *Ferreira*

Recordadas e contadas a

ROSA de MATOS

Timido, recoso— não é verdade que aquele estrangeiro loiro poderia ter estado a divertir-se à sua custa? Procurou onde era o campo do F. C. Porto.

E indicaram-lhe. Já nesse tempo, em 1935, o clube que é campeão crónico da segunda cidade portuguesa estava instalado na Constituição, naquele acanhado espaço de que, finalmente, vai sair em breve.

Sentado no eléctrico, contente, o Xico olhava as montras das grandes lojas por onde passava, o formigueiro de gente que circulava apressada pelos passeios, a caminho dos seus empregos... mas não via ninguém.

O seu olhar perdia-se, abstracto, em tudo que olhava e não fixava, porque o pensamento não estava com ele. Errava pelos domínios da fantasia.

E só deu conta do estado de espirito em que se encontrava, quando o condutor do carro se aproximou e lhe tocou vigorosamente no ombro e lhe perguntou, sacudindo-o:

— Não querias ir para a Constituição?

O Xico pareceu despertar. Olhou assustado à sua roda, abriu a boca para responder... mas não chegou a falar. Compreendeu, num relance, que já passara para além do seu objectivo, ergueu-se de um salto, correu à plataforma, e nem esperou que o carro atingisse uma paragem. Saltou lépido para a rua... e ele aí vai em corrida desabalada para a meta dos seus sonhos.

Transpôs a porta de entrada do campo, arquejante, com o coração a pular-lhe desordenadamente no peito, e perguntou à primeira pessoa que encontrou no seu caminho:

— Onde está o treinador?

Apontaram-lhe a cabine, e para lá se dirigiu. Szabo acolheu-o com um sorriso de simpatia, e entrando com ele na cabine onde se encontravam, então, alguns dos nomes famosos que eram orgulho da massa associativa do grande clube portuense, disse-lhes com ar grave:

— Rapazes! Quero apresentar-lhes uma nova aquisição para o nosso Porto. Aqui onde o vêem, deve vir a dar que falar.

Com tal apresentação, o nosso Xico ficou em estado de desajuste que se tivesse aberto um buraco por onde se pudesse sumir. E fez-se vermelho, pela confusão.

Pudera, que o caso não era para menos! Tinha na sua frente, jogadores que ele nunca supuzera poder encontrar assim tão familiarmente, como o Carlos Pereira, o Alvaro Pereira, o Waldemar, o Acácio Mesquita, o «Píngas» e outros, e ele não passava de um estranho cheio de sonhos, nada mais, sem um nome em que já alguém houvesse atentado.

Mas de si para si, passado o primeiro momento de confusão, jurou que haveria de vir a corresponder às palavras com que o loiro Szabo o apresentara àqueles ídolos.

Lutaria com alma, com «genicas» e vontade, para que de facto viesse a dar que falar.

Querira ser um nome grande no futebol, como aqueles que tinha na sua frente, ali a dois passos, ao alcance da sua mão, e jurava a si próprio que o havia de ser. Pelo menos, se isso dependesse só de si.

Entretanto, o treinador mandara que se equipasse, pois queria que ele fosse treinar com outros «centraes» a quem desejava experimentar também.

E o Xico foi para um canto, silencioso, vestiu o equipamento que lhe deram, sem outro pensamento que não fosse corresponder às palavras de Szabo.

CAPÍTULO II

COMEÇA A DELINEAR-SE A CARREIRA DE UM ÍDolo.

O primeiro treino na Constituição confirmou as previsões. O Xico revelava excepcionais possibilidades, e os dirigentes do clube portuense que haviam assistido ao treino, não tiveram a mais ligeira dúvida em se identificarem com a opinião do treinador.

O rapaz podia vir a ser alguém, de facto, e era de bom alcance, portanto, aproveitá-lo desde já.

A beira dos 16 anos, ainda não tinha idade para o primeiro «tenis». Mas iria para os infantis. E foi.

Iniciada a época de 1935/36, o Xico envergava pela primeira vez uma camisola de um clube grande, e esse clube era logo o do campeão do Norte.

Alinhou, então, a extremo esquerdo dos «infantis», numa equipa de que faziam parte Angelo, já desaparecido do número dos vivos, mas que alinhou



Francisco Ferreira joga contra o Porto, na Constituição. Costuras é o seu adversário.

sinda em jogos da categoria principal do F. C. Porto: Raul Castro, o conhecido internacional Francisco Castro e Manuel dos Anjos e Alfredo, que mais tarde representou o Salgueiros, tendo saído da vulgaridade também.

Nesse tempo não se disputavam, ainda, campeonatos regionais ou nacionais da categoria, que serviam apenas, para os futuros casacriarem «scots» e se ambientarem. Estava-se longe, felizmente, do principio orgânico que manda ser indispensável contar 18 anos para disputar partidas oficiais, na categoria de «juniores».

Porque não havia campeonatos, os clubes limitavam-se à realização de jogos entre si, para «afinarem» os miúdos, e manterem-nos aptos a «subirem», quando necessário. O maior rival do F. C. Porto era, então, o Desportivo de Portugal.

Assim passou, portanto, a época de 1935/36, com o Xico a trabalhar perseverantemente, a cumprir disciplinadamente e atentamente as instruções recebidas do treinador, a assimilar com estranha inteligência os ensinamentos recebidos, e a revelar, por sua vez, uma capacidade de realização que deixava antever um jogador de futuro.

Estava a delinear-se com precisão, com nitidez em que todos estavam satisfeitos, a carreira de um futuro ídolo do futebol português.

A época de 1935/36 atingira o seu termo, e o Xico via, satisfeito, que se desenvolvera fisicamente no mesmo ritmo em que subira tecnicamente.

Por isso mesmo garantia a si próprio que haveria de se manter



Francisco Ferreira—logo que ingressou na Benfica. Aqui o encontramos, numa roda de amigos, num «estágio» de Vila Franca de Xira

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

sempre estudando, aplicando-se com vontade, para honrar o mestre e dignificar a carreira que escolhera.

O XICO «SOBE» DE CATEGORIA...

Setembro de 1936. Tinha o Xico 17 anos e poucos dias, quando Szabo lhe deu a notícia de que não voltaria a alinhar nos infantis.

Passaria a jogar na «reserva».

Cresceram as suas possibilidades, mas também as responsabilidades passavam a ser outras. Enquadrado numa equipa que de um momento para o outro podia vir a abandonar, para ascender ao primeiro grupo, o Xico sabia bem que tinha que corresponder com firmeza a tal substituição, e que se ela era prémio do valor por si evidenciado, representava estímulo, também, para mais largos empreendimentos.

Os dotes de inteligência que possuía, levavam-no à consciência plena da tarefa que lhe estava reservada.

Por isso mesmo se deu inteiramente ao cuidado de não descurar um único pormenor que fosse da sua preparação.

Metódico, disciplinado e consciente, comparecia a todos os treinos, seguindo as indicações que lhe eram fornecidas.

Para daquelas sessões semanais, o Xico impusera-se uma regra de vida que pudesse servir à sua intenção de brilhar no futebol, e conseguia-o. Como?

Deitando-se cedo, cultivando a ginástica, não se dando ao desregramento que leva infalivelmente à impossibilidade de «suguentar» um desafio.

Por isso ele ia a pouco e pouco firmando uma posição dentro do F. C. Porto, adquirindo personalidade, tornando-se notado do público fiel que acompanhava a sua equipa favorita, e escolhe este ou aquele para alvo da sua predilecção.

Jogava nesse tempo — já o dissemos — a extremo esquerdo. Um dia, porém, houve necessidade, ainda na «reserva», de que ele alinhasse médio esquerdo. Jogou. Jogou... e cumpriu. Foi, mesmo, uma revelação.

Estava encontrado o verdadeiro lugar do Xico numa equipa, dadas as características do seu jogo.

E só não alinhou, logo nessa época de 1936/37, no primeiro grupo, porque à sua frente estava... o João Nova.

A linha média da principal equipa do F. C. Porto era, então, constituída por Carlos Pereira, Alvaro Pereira e Nova, três nomes grandes do futebol português, e só por isso ele teve que aguardar oportunidade. Eram 3 «internacionais»...

Ela chegou, entretanto, na época que se seguiu, em 1937/38.

Um domingo magnífico de sol, cabia ao Porto deffrontar a Associação Académica de Coimbra, para o Campeonato de Portugal. A partida ia ter por cenário o magnífico campo do Ameal — já hoje desaparecido do «rol» dos campos desportivos portugueses — e tudo se conjugava para que o prelio estivesse rodeado de franca expectativa.

Além da rivalidade acesa que existia entre ambas as formações, a equipa do Porto candidatava-se nesse ano como seria pretendente no título, e dispunha então de nomes famosos no futebol português: Siska — o malogrado guarda-redes que tantas tardes de glória já havia dado ao seu clube — Vianinha, Nunes, Pinga, Carlos Pereira, Alvaro Pereira, que eram verdadeiras celebridades da bola.

Convocado como suplente, o Xico já estava no campo à hora designada, sem contudo pensar em que era aquela o dia marcado pelo Destino para a oportunidade de há tanto tempo desejada.

Na cabina, sentado a um canto, via os outros equiparem-se, quando ouviu alguém chamar por si. Ergueu os olhos, respondeu presente, e a ordem logo veio rápida, incisiva, seca:

— Equipa-te, que vais jogar!

Fleou atónico, e mudo de surpresa. Quis falar, mas não pôde. A comção estrangulára-lhe a voz.

Olhou, então, mais atentamente para todos os camaradas que se equipavam, e notou a falta de Nova. Compreendeu... e equipou-se.

(Continua no próximo número)

A VITÓRIA DE MONTREUX apreciada por JESUS CORREIA



Apresentamos Jesus Correia em várias fases do duríssimo jogo entre Portugal e a Suíça — o desafio que nos tranquilizou. Jesus Correia, como sempre, demonstra-nos a sua classe de hoquista e de campeão indiscutível



A França foi também batida por Portugal. Como todos — menos a Bélgica, que empatou com a nossa equipa. Vejam-se algumas fases, com Jesus Correia em evidência. Quando ao ataque, todos os adversários sentiam dificuldades para dominar os portugueses



A Espanha ganhamos por 10-1. E o guarda-redes Nadal não era para graças...

Jesus Correia, essa joia de rapaz que os desportistas conhecem como campeão do mundo, da Europa, de Portugal e de Lisboa de quei em patins, e também internacional e «campeoníssimo» de futebol, — está na nossa frente, após os sucessos de Montreux. O jornalista e o atleta, ligados pela amizade e pelo «dia a dia» da profissão, — falam sem artificios e sem rodeios. Amigos e camaradas de trabalho, — chegava bem esta legenda para abrir as portas da entrevista, talvez melhor: — da troca de impressões oportunas e simples.

Apresentar Jesus Correia — desnecessário. E colocá-lo uma vez mais a falar da sua vida des-

portiva — abuso que o leitor poderia considerar «exploração»...

Falamos apenas, portanto, sobre as jornadas de Montreux. Para completar mais uma reportagem que honra os métodos e a honestidade da «Stadium», parecia-nos altura de ouvir a opinião do famoso jogador do melhor conjunto mundial de quei em patins.

Tem ele a palavra:

— Parti para a Suíça esperançado. Como todos os meus colegas. Mas faltavam-nos Sidónio e Olivério, eu tinha poucos treinos e... logo de entrada, empatando com a Bélgica, senti o meu receio.

(Continua na pág. 7)



Sorrisos sádios, alegres, completam a beleza da equina feminina da Suíça no erinaceus



Dora Rutz é também uma adorável



Um interessante friso de patinadoras italianas

ESTEVE FECHADA A SETE CHAVES

a baliza do Chile, contra o Brasil

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candelas Alvarez)

A quarta rodada do Campeonato Sul-Americano de Futebol foi desta vez fértil não no campo das surpresas que se não registaram mas sim no dos incidentes e indisciplina verificadas.

O Brasil-Chile defrontaram-se em S. Paulo perante uma assistência computada em cerca de 40.000 pessoas, e o modesto resultado conseguido pelo seleccionado brasileiro já habituado a números astronómicos diz bem das dificuldades encontradas. O seleccionado chileno que na sua apresentação havia perdido frente à Bolívia por 3-2, quis agora retificar a sua acção perante o público saupaulino e conseguiu totalmente. Conscia da responsabilidade que sob eles pesava, os andinos entraram em campo dispostos a perder, sim, mas a perder por poucos. Esta era a opinião geral de técnico e jogadores e chilenos que de ante-mão acreditavam não ser possível vencer o seleccionado brasileiro. Fazendo uso de uma marcação cerrada e dedicando espeiais atenções aos dois exco-entres interiores brasileiros, Zizinho e Jair, conseguiram os chilenos, anulando-os, amarrar toda a linha avançada. Para isso fizeram recuar os seus dois interiores formando uma linha média constituída por 5 homens que durante cerca de 90 minutos se limitaram a um auxílio constante à defesa onde nas redes Levingstone inspirava inteira confiança aos seus companheiros.

No meio do terreno o avançado-centro e os dois extremos esperavam as rebatidas, prontos para o contra-ataque que na maioria das vezes era prejudicado pelo muito engodo pela baliza contrária que originava impedimentos constantes.

No entanto, o tempo ia correndo e o placard continuava em branco. Dominava insistentemente o seleccionado brasileiro, mas não conseguia marcar...

Habitados a resultados fáceis como os conseguidos frente ao Equador e Bolívia os seleccionados do Brasil criaram um complexo de superioridade absurdo.

Notava-se nas declarações feitas à imprensa que todos eles estavam crentes não haver neste Sul-Americano quem fosse capaz de lhes bater o pé e como tal mais uma vez entraram em campo convencidos de mais uma goleada cuja vítima desta vez seriam os chilenos que na sua apresentação em nada haviam convencido. Levingstone na rede chilena quase chegava para fazer morrer todas as tentativas brasileiras e isso foi aos poucos enervando os seus

adversários, muito especialmente Zizinho, que aos 15 minutos deu início à série de incidentes que surgiram pelo tempo fora. Uma entrada deslealíssima ao guarda-redes chileno quando este já se encontrava na posse da bola, era mais que suficiente para a expulsão se não estivesse mandando em campo o sr. Armenthal, do Uruguai.

Limitou-se o árbitro oriental em chamar a atenção do capitão da selecção brasileira. Depois aos 18 minutos foi Jair quem repetiu a cena sobre o mesmo jogador, mas desta vez Riera também quis tomar parte na brincadeira e tentou agredi-lo a pontapé. Novamente o sr. Armenthal serenou os ânimos, insistindo nas queixas a Augusto. Continuava o domínio insistente do Brasil, mas as redes chilenas estavam fechadas a 7 chaves. Aos 24 minutos, Nininho entrava também duramente sobre Riera e viu-se que daí em diante, devido à impossibilidade do árbitro uruguaio aquilo acabaria por degenerar em luta-livre e não em futebol. Aos 26 minutos, Zizinho aproveitando uma aberta da defesa contrária marcou de rabça o primeiro ponto para o Brasil. Não desanimaram os chilenos e foram-se ao ataque com vontade de anular a vantagem o que não conseguiram devido à forma apurada de Augusto e Mauro — uma defesa quase intransponível. E o tempo foi-se escoando com o emprego da violência de parte a parte, sem que o sr. Armenthal tivesse pulso para segurar os nervos dos jogadores. Aos 37 minutos Nininho fugiu pelo centro do terreno e Riera querendo tirar desforra da entrada violenta do avançado-centro brasileiro, meteu um «carrinho». Apitou o sr. Armenthal concedendo a penalidade máxima ao Brasil. Formou-se um bolo de jogadores chilenos em sua volta, mas SS. manteve energeticamente a penalidade marcada. Fontes, enervado tentou agredir e foi expulso. Via-se que o árbitro uruguaio estava tanto ou mais desorientado que os próprios jogadores.

Marcada a grande penalidade por Claudio, resultou no segundo golo dos brasileiros, isto aos 39 minutos; quando se esperava nova saída, o árbitro dá por terminado o primeiro tempo quando faltavam ainda 6 minutos, fora os descontos por paralisação de jogo.

O segundo tempo não tem história. Sob as complacências do árbitro os jogadores de ambas as equipas fizeram uso de todas as violências possíveis, deixando de preocupar-se com a bola para unicamente terem em mira as pernas do homem. E foi numa

dessas vezes que Mauro fez um «foule» sobre o avançado Hugo Lopes e o árbitro concede a penalidade máxima. Isto numa altura em que os chilenos já só tinham em campo 9 homens visto Prieto ter sido contundido pelo Rui e ter sido obrigado a abandonar o terreno para não mais voltar. Marcada a penalidade Hugo Lopes consignou o primeiro e único golo do Chile.

Dada nova saída o árbitro deu por encerrado o encontro que não deixou saudades com a vitória do seleccionado do Brasil por 2 a 1.

A vitória do Brasil foi justa. No entanto os dois a um dão uma ideia da insistência e ameaça do adversário aos seus desejos de um placard mais desenvolvido. Por outro lado a preocupação dos brasileiros e os nervos manifestados não permitiram acetar com o arco da forma desejada.

Analisemos a produção individual dos 22 jogadores: — Barbosa nas redes não teve trabalho. Augusto e Mauro não necessitaram de muito empenho para desfazerem as arremetidas contrárias que na sua quase totalidade foram anuladas por impedimentos. Na linha média enquanto Bauer e Rui estiveram em bom plano Noronha rendeu desta vez mais que nos compromissos anteriores. O ataque perdeu-se pelos nervos. Mesmo assim salvou-se Zizinho. Jair esteve regular. Os extremos Claudio e Simão enfrentaram uma marcação severa que não lhes deu margem para largos voos e Nininho não chegou a ser o valor que geralmente representa.

Na equipa do Chile, Levingstone foi a grande figura. Defendeu tudo quanto era possível e cremos que até algumas bolas consideradas quase impossíveis, como por exemplo um pelotão de Jair a que o guarda-redes chileno respondeu com uma defesa magistral. A defesa com Urroz e Negreii muito lutadora e óptimos marcadores. Na linha média todos na mesma bitola. No ataque apenas Varela venceu bem a sua presença. Os restantes absolutamente negativos, talvez em parte pelas instruções recebidas em auxiliar a defesa, somente a defesa.

A arbitragem a cargo do sr. Armenthal do Uruguai, imprópria. Sua Senhoria permitiu tudo. Deixou-o correr à vontade e quando quis não pôde mais controlá-lo.

Vimos o árbitro uruguaio duas vezes e chegamos à conclusão de que não tem condições para dirigir encontros de tal categoria.

As equipas alinharam com:

Brasil — Barbosa; Augusto e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Claudio, Zizinho, Nininho, Jair e Simão.

Chile — Levingstone; Urroz e Negreii; Machuca, Flores e Busqué; Riera, Luiz Lopes, Infante, Varela e Hugo Lopes.

SINAIS dos tempos

Ha cinquenta anos atrás, o desporto era desporto na sua mais pura essência, divertimento de alguns que à sua custa o faziam e quase para seu exclusivo entretenimento, pois as suas competições reuniam, nos melhores casos, meia dúzia de espectadores.

Eram estes os tempos em que um encontro de futebol, para causar a alegria dos lesoouros, dava de benefício dez ou quinze mil reis.

Depois, progressivamente, tudo mudou; o desporto popularizou-se, os espectadores passaram a contar-se na proporção de milhares por cada praticante em campo e os lesoouros tornaram-se muito exigentes no que se refere a receitas.

Isto porque, também, as despesas se multiplicaram ao infinito.

Em consequência o mundo desportivo passou a ser outro, no material e no moral. O dinheiro, apesar de incorrupto, corrompeu e a mentalidade desportiva modificou-se ao ponto de ser, em certos casos, mais verdadeiramente anti-desportiva.

O remédio não é fácil; cauterizados a fundo os fechos purulentos, nada pode impedir que outros venham a surgir.

O mal é da base; ligaram-se interesses materiais aos interesses ideológicos e a lentidão vitinou aqueles fracos de carácter ou isentos de escrúpulos.

Para a pureza da ideia desportiva seria necessário abolir a intervenção material; impossível. Os tempos são diversos e é utópico querer argumentar agora com factos ou razões de há meio século.

Mas o que se exige é o respeito pela ética desportiva bem defendida nos regulamentos e na doutrina; o respeito pelos direitos alheios e pelos deveres próprios; o respeito da consciência e da honestidade. O desporto, tal como é definido, não tem vícios; os vícios verificados são dos homens que o não sabem compreender e que, para formal exemplo, devem ser escoraçados sem hesitações nem complacência.

Não é desportista quem quer; é aquele que sabe ser.

S. C.

Manuel BARATA

Nosso colaborador — Técnico fotográfico

Participa que tomou a gerência técnica de A. R. L.

ARTES REUNIDAS, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 97, 1.º — Telef. 45296 — LISBOA
FOTOGRAFIA ↔ PUBLICIDADE ↔ CINEMA

RECEPÇÃO TRIUNFAL

aos campeões do Mundo de hóquei em patins e vencedores da Taça da Europa

FOI de verdadeira apoteose — nem de outra maneira se compreendia — a recepção do público desportivo à turma nacional de hóquei em patins quando chegou ao aeroporto de Lisboa. Apesar da trovoadas e da chuva (tinha principiado a trovejar com violência e a chover intensamente pouco antes do avião descer na pista) a multidão de entusiasmados admiradores não arredou pé — disposta, como estava, a vitoriar carinhosamente os bravos rapazes portugueses que, em Montreux, tão alto souberam elevar o pavilhão do desporto lusitano.

A recepção não se descreve, tão justa e bela ela foi, pelo que teve de espontaneidade e de acendrado fervor patriótico. Portugal mais uma vez conquistou os louros de um triunfo esplendoroso, no campo internacional e no estrangeiro, por intermédio da sua equipa de hóquei em patins. Os campeões do Mundo dir-se-iam heróis de uma legendária façanha (e por que não?) que a multidão consagrava. Todos eles, sem excepção, foram arrebatados e conduzidos em triunfo — enquanto permaneceram no aeroporto. Um espectáculo de rara beleza, que nem a chuva, teimosa e persistente, conseguiu sequer desvanecer. Era o povo, com a sua alma sempre generosa, a testemunhar o agradecimento da grêl a um escal de desportistas. E, nos olhos de alguns, ou de todos, afinal, afloraram lágrimas — de satisfação, pelo dever cumprido, e de reconhecimento àqueles que os vitoriam sem cessar. Centenas de pessoas — sem distinção clubista — sentiram a grandiosidade do momento, que era de apoteose, vivendo-o entusiasmadamente e não se fardando de aplaudir os campeões do Mundo.

Até quando eles abandonaram o aeroporto, para se dirigirem a suas casas, parecia que as palmas e os vivas andavam ainda no ar... Foi assim, também, em Sintra, em Paço de Arcos e no Porto.

Dias depois, no Pavilhão dos Desportos, a cena repetiu-se, embora com outro «decor», e os hoquistas receberam mais demonstrações de simpatia e de carinho.

Os irmãos Serpas — Sidónio em especial — não estiveram ausentes da manifestação, tendo podido apreciar quanto são estimados... e necessários.

Nessa festa — de consagração e incitamento para o torneio que de 28 de Maio a 4 de Junho ali se disputa — foram galardoados com medalhas o capitão do grupo, Emídio Pinto, o seleccionador nacional, José Prazeres, os irmãos Serpas e todos os outros jogadores que tomaram parte na competição de Montreux. Houve, para «encher programa», pois a simples presença dos campeões do Mundo e vencedores da Taça da Europa era o suficiente como chamariz, três desenhos de hóquei e exhibições de patinagem artística por Edite Cruz, Maria de Lourdes Sales, Maria Elvira de Sousa Praga e Mário Sampalo. Nesses encontros — a cujos vencedores foram atribuídas taças — registaram-se os resultados seguintes: Benfica-Campo de Ourique, 5-1; Hóquei de Sintra-Sporting de Oeiras, 3-2; Paço de Arcos-Infante de Sagres, 6-1.

Para complemento da reportagem publicada no número anterior, damos, ainda, pormenores do torneio de Montreux, cuja classificação final foi a seguinte: 1.º Portugal, 9 pontos (4 vit., 1 emp.); 2.º Espanha, 8 pontos (4 vit.; 1 der.) e 24-21; 3.º Suíça, 6 pontos (3 vit.;

2 der.) e 20-17; 4.º Itália, 4 pontos (2 vit.; 3 der.) e 16-25; 5.º Bélgica, 3 pontos (1 vit.; 1 emp.; 3 der.) e 13-19; 6.º França, 0 pontos (5 derrotas) e 12-24.

O desafio derradeiro — contra os helvéticos — deixou bastante a desejar no capítulo de correcção dos nossos adversários. Os suíços foram ruídos — mais até do que isso... E, como resposta, os portugueses lutaram com desportivismo e segurança

do seu real mérito. Venceram e venceram! Os quatro golos foram todos feitos antes do intervalo — respondendo os helvéticos só com um quando já perdiam por 0-3. Na segunda parte — com redobradas violências dos nossos façanhados antagonistas — houve apenas um golo mais da Suíça. E no final sucedeu... Mas nem é bom falar nisso; esqueçamos o que aconteceu, e, em Maio, no Pavilhão dos Desportos, mostre-se-lhes, mais uma vez, que os desportistas lusitanos sabem ser ordeiros, disciplinados, correctos e amigos... até dos seus inimigos! Arbitrou Martinetti, com benevolência, tendo alinhado e marcado: Emídio, Rato (1), Edgar (1), Jesus Correia (1), Correia dos Santos (1) e Figueiredo — por Portugal; Irmohf, Gervaez, Milleson (1), Pierre Monney, Michel Monney (1) e Martinetti II — pela Suíça.

A fechar a competição, Portugal (Emídio, Rato, Soares, J. Correia, C. Santos e Figueiredo) empatou com o Resto (Gonzalo, francês; Coassarts, belga; Cergal, italiano; Monney, suíço; Trias e Más; espanhóis) por 2-2. Golos de Trias, Jesus Correia, Correia dos Santos e Trias.

O novo triunfo nacional garante o prestígio do nosso hóquei patinado na opinião de JESUS CORREIA

(Continuação da pág. 5)

«Esse receio dissipou-se com o jogo adversário. A superioridade nos adversários residia, afinal, na vantagem de ter árbitro às ordens...»

— Suíços?
— Sim. Sempre árbitros suíços — até no jogo que fizemos contra eles. José Prazeres, o nosso categorizado seleccionador, teve de impor-se para que os juizes de basila, no nosso último encontro, fossem ao menos neutros. Foram então escolhidos um belga e um francês. Este, sem querer, prejudicou-nos num tento. O primeiro golo suíço não entrou na nossa baliza...»

— A vitória sobre a Espanha...
— Nós esperavamos ganhar. Eu não joguei contra os nossos vizinhos, no 0-5. O ringue de Montreux, de piso muito suave, agradável, melhor ainda que o do nosso Pavilhão, servia maravilhosamente para a desforra. A «coisa» era outra, e 10-1 agradou-nos bastante.

— Os jornais suíços chamaram-nos violentos...»

— Eu sei. Esqueceram-se de dizer que meu primo Correia dos Santos levou com uma garrafa n. s costas; que o seleccionador suíço entrou no ringue para me deitar as mãos ao pescoço...»

— O quê?

— É verdade. Nós jogamos duro quando nos provocavam para o jogo duro. Olhe: no desafio que fizemos contra a selecção e que empatámos 2-2, quisemos demonstrar aos adversários que jogávamos hóquei em patins no estilo «exibição». De resto, convencemo-nos a todos. No fim do torneio, tudo se esqueceu. O público, mes-

mo, às vezes apaixonado, também nos vitoriou. O torneio acabou em beleza...»

— Diga, Jesus Correia: — Os Serpas fizeram falta, não é verdade?

— Sidónio e Olivério tem muita classe. Em Montreux, todos os substitutos cumpriram. Sabe: — gostei de Figueiredo e de Soares, do Porto. O primeiro é rijo e sabe lutar! E agora, todos nós recebemos com satisfação a notícia de Sidónio e Olivério regressarem. Temos gente...»

— Para o campeonato do Mundo?
— Claro: para mais um campeonato do Mundo e da Europa...»

«De resto, o novo triunfo nacional garante o prestígio do nosso hóquei patinado. Estamos todos preparados para o demonstrar.

— Pois assim seja — prezado «Necas...»

Rodrigues Teles

Vai disputar-se o 3.º Rallye Automóvel Internacional

De 26 a 29 de Maio vai disputar-se, sob a organização do Automóvel Clube de Portugal, o 3.º Rallye Automóvel Internacional de Lisboa, com partidas das principais capitais da Europa.

Trata-se de uma prova importantíssima, que, nos anos anteriores, constituiu um verdadeiro êxito, pela quantidade e qualidade dos inscritos. A propósito dessa organização, o A. C. P. reuniu os jornalistas num almoço e pediu o auxílio da imprensa, reconhecendo-se, sem esforço, haver boa-vontade por parte de todos.

ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

Em pleno êxito, a célebre
ORQUESTRA FON-FON

EXTRAORDINÁRIOS ESTILISTA DE RITMOS BRASILEIROS

Num grandioso programa de variedades com o famoso conjunto coreográfico

BALLET SACHA GOUDINE

Balles à guitarra pela **JOSEFINA MARIA** acompanhada por
ballerina castiza Manolo Navarro

ROSITA MONTAÑA, Carmelita de Cordoba, Mary-Mely,
Emilia Gomez, Isabelita Navarro, Daley Soer,
Ma-Li-Teng, Mabel Valência

Música constante com a vocalista Daina
pelas Orquestras **Grã-Casino e Arcadia** norte-americana

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

O BENFICA dominou os visienses



Rogério fez uma grande exibição. Apreciemos o seu estilo...



Prazeres Gomes está desalentado. Entrará mais uma bola na sua baliza...

Os oívos de final da «TAÇA»



Sério, na defesa de uma bola alta



Em BRAGA

Cesário, guarda-redes bracarense, não deixou marcar...

O TORINO NA HOMENAGEM A FRANCISCO FERREIRA



Alto de espírito e entusiasmo. Primeiro, por se tratar de uma homenagem a Francisco Ferreira, capitão da equipa nacional e da Benfca; depois, porque nos visita o Torino, o famoso grupo de Mazola, Bacigalupo, Rigamonti, Menti, Loik e tantos outros ases, internacionais e campeões de Itália. A homenagem a Francisco Ferreira, portanto, vai proporcionar-nos um espectáculo de grande beleza. Francisco Ferreira, a quem uma comissão de admiradores quis distinguir, organizando um desafio desta importância, pela sua categoria de jogador e de desportista, é bem digno dela. A equipa do Torino, pela ordem da fotografia acima: Bacigalupo (6), Menti (7), Ossola (2), Martelli e Gabetto (7) — sentados; de pé — Castigliani (8), Aldo Ballarin (9), Rigamonti (8), Loik (17), Marzolo (6) e Mazzola, cap. (12). Os números indicam as seleções internacionais de cada elemento. Jogam ainda no Torino: Bonjorni, avançado-centro internacional francês, Subert, meia-esquerda internacional checo; Grezar, 9 vezes internacional, etc.

ATLETICO, 2 — FAMALICÃO, 1



Na frente da baliza famalicense, luta-se arduamente



O PORTO ganha e convence

Barrigana, entretanto, não esteve parado. Os vimaranenses venderam cara a derrota. O guarda-redes do F. C. Porto está aqui em pleno movimento...



Sansão defende com segurança. Armando Carneiro não chegará a tempo



VITÓRIA... DO VITÓRIA

Os setubalenses triunfaram por 8-1 contra os académicos de Coimbra. A sua exibição agradou, e Capela viu-se obrigado a defender fartas vezes, como se verifica nestas duas fases.

Covilhã ganha Cuf do Barreiro

Os campeões covilhanenses, no seu campo, derrotaram os cufes do Barreiro, por 4-0, classificando-se para os 4.º de final. Das duas fases do encontro — dois tentos — a equipa da serra.



O campeão de andebol da Mocidade Portuguesa



Entre o Liceu D. João de Castro e os Pupilos do Exército disputou-se a final do torneio regional de andebol. Triunfaram os primeiros cuja equipa publicamos em cima. Ao lado uma movimentada fase. Em baixo o grupo dos Pupilos

As eliminatórias da «Taça»



Na 1.ª eliminatória da «Taça de Portugal», a Académica de Coimbra jogou em Santarém com «Os Leões» daquela cidade, triunfando por 3-1. Eis um rebatido do jogo...

COMO SE DEVE JOGAR FUTEBOL

Por WILF MANNION

13—O jogo das defesas

O defesa que simplesmente procure aliviar o jogo da sua zona de defesa sem atender à posição em que se encontra o seu ataque, não cumpre inteiramente o seu dever.

É fácil a um defensor apoderar-se de uma bola que se destina ao ponta adversário e pontapé-la com força para o meio do campo. Dessa maneira, naturalmente, dá um trabalho desnecessário aos seus médios, obrigando-os a correr, e aos seus avançados e a bola não deixa de voltar à sua área de defesa ainda antes de ele ter tido tempo de se recompor.

A posição do defensor não é a mais difícil num grupo, mas é de importância vital. Eddie Hapgood, que fez parte de tantos grupos de Inglaterra, era de uma habilidade sem rival para fazer as suas passagens, como se tudo fosse o mais simples deste mundo. Nunca a bola lhe saía ao acaso pelo campo fora, quando lhe era possível passá-la a um colega. Nem tampouco hesitava de forma nenhuma em pôr em jogo o seu guarda-redes com uma passagem bem colocada para a rectaguarda, no caso de ver que tal era a melhor forma de solucionar o problema.

A posição do defensor é impedir o ponta adversário de fazer

incurções directas à baliza. Deve trabalhar em colaboração estreita com o seu médio ala e deve ter entendimento completo com ele, de forma que se a ocasião se apresentar em que ele possa avançar com a bola ou driblar um adversário, o seu médio recue para o cobrir.

Não deve nunca haver desarmonias e negligências que o deixem ficar em posição infeliz de forma a não ser capaz de retomar a sua posição. O defensor precisa de ter uma mente fria e uma apreensão rápida do futebol. Isso é absolutamente essencial.

O processo de «entrar forte» muitas vezes empregado para intimidar um adversário é uma completa perda de tempo. Quantas vezes assistimos ao espectáculo de defesas que não procuram cultivar nem o estilo nem o método e que entram ao acaso, deixarem por isso inteiramente aberta a defesa. Não é bom processo e é muito mau futebol.

Os espectadores e colegas podiam realmente inspirar-se na beleza do futebol vendo jogar Hapgood. Com uma serenidade que me fazia muitas vezes perguntar se ele encontrava qualquer dificuldade, fosse qual fosse, no jogo, dispunha do adversário, conduzia a bola um metro ou dois e lançava-a direita, pelo campo fora, para o seu ponta, inteiramente livre, transformando assim completamente o aspecto do jogo, passando da defesa para o ataque.

E compreendia muito bem, como todos os defensores deviam compreender, a necessidade de colaborar estreitamente com o seu colega e o guarda-redes.

Um defensor nunca se deve deixar arrastar a uma posição que o leve a perder o contacto com o homem que tem na sua frente e com aquele que tem à sua rectaguarda. Se, por exemplo, joga à esquerda e a bola se encontra na asa direita deve aproximar-se do centro do terreno mas não afastar-se de forma que o seu adversário fique desguarnecido. Alguns defensores jogam em linha, um com o outro. Outros adoptam o sistema diagonal. O método melhor depende do grau de entendimento que haja entre eles e os médios.

Mas desde que um defensor se lembre de se manter em contacto com os seus avançados, quando detem a bola, poderá fazer muito para tornar a sua posição no jogo uma das mais importantes e valiosas.

BAPTISMO INTERNACIONAL

O FUTEBOL BENFICA

classificou-se em 3.º lugar no torneio de hóquei em campo que disputou em Bruxelas

MAGNÍFICA, em todos os seus aspectos, a estrela internacional dos portugueses no hóquei em campo. A equipa do Futebol Benfica, vencedora da Taça de Portugal — 1948/49, portou-se galhardamente em Bruxelas. E, no fim do torneio, em que tomaram parte, além dos lusos, uma equipa francesa, outra holandesa e duas belgas, o Futebol Benfica estava classificado em 3.º lugar — mas com igual número de pontos que o 2.º, o qual veio a ser, por ironia do destino, o vencedor!!! E' que na Bélgica, os dois primeiros disputaram um desempate (?) — cabendo o triunfo àquele, precisamente, que na epoulesse ficara em 2.º. Uma «esquisitice» como outra qualquer... e uma «novidade» que aos portugueses não qua-

drou bem — por ser, logicamente, contra o bom senso e as regras do desporto em uso entre nós.

Resultados do torneio: A-sub-Futebol Benfica, 1-0; Bordeus-Wellington, 0-0; A-sub-Bordeus, 2-0; Futebol Benfica-Bordeus, 1-0 (golo de Carlos Alberto); Lorenche-Futebol Benfica, 0-0; Wellington-Lorenche, 3-0; A-sub-Wellington, 2-0; Bordeus-Lorenche, 0-0; Lorenche-A-sub, 0-0; Futebol Benfica-Wellington, 0-0. E, finalmente, no tal desempate (?) ou lá o que é — assim uma espécie de «esperança» no 2.º — Wellington, bateu o A-sub por 1-0. Classificação: 1.º Wellington (belga) 8 pontos e 3-2 (1-0 depois); 2.º A-sub (belga), 11 pontos e 5-0 (depois 0-1); 3.º Futebol Benfica, 8 pontos e 1-1; 4.º Lorenche (holandês), 7 pontos e 0-3; 5.º Bordeus (francês), 6 pontos e 0-3.

Torçato Ferrelra — um elemento que no nosso meio não tem sido aproveitado — evidenciou-se e foi tido pela critica como um dos melhores jogadores que disputaram o torneio. João Melo — que já era árbitro internacional de hóquei em patins — dirigiu, em Bruxelas, os encontros Lorenche-A-sub (0-0) e Wellington-A-sub (0-2). Duas curiosidades: ao mesmo tempo que na capital da Bélgica se efectuava aquela prova, estavam a disputar-se noutras terras mais 7 (sete!) torneios internacionais — o que, aliás, não é de estranhar, porque há cerca de 140 clubes belgas a praticarem a modalidade; e o campo, relvado e bom, é circundado pela melhor pista de atletismo existente na Bélgica e por campos de ténis, vólei e basquetebol.

AS ENTIDADES DESPORTIVAS E A «STADIUM»

Sport Lisboa e Benfica

Da Comissão Administrativa da Secretaria do Benfica recebemos o seguinte officio:

Com os nossos melhores cumprimentos, vimos pela presente apresentar a V. Ex.ª os nossos sinceros agradecimentos pela interessante propaganda que se dignou fazer da nossa Festa através a vossa excelente Revista Desportiva.

Temos muito prazer em nos referir a todas as iniciativas do Benfica, um dos maiores propulsores do desporto português.



O elo mais forte da corrente

A peça mais importante de uma caneta de aparo esférico é a bomba. A não ser que tenha uma garantia absoluta quanto ao funcionamento desta, não poderá estar descansado quanto à eficiencia da sua caneta.

A Biro — a caneta de aparo esférico mais celebre do mundo — encontra-se à venda em toda a parte.

Os escritores experientes perferem à Biro atendendo à facilidade em adquirir pecas sobressalentes e ao seu facil manejo e suavidade. As bombas Biro são garantidas de maneira a satisfazer os compradores de qualquer parte do mundo. Começam a escrever e continuam sem quebra. O serviço Biro está sempre às suas ordens.

Biro

A MANEIRA MODERNA DE ESCREVER

Distribuidor para Portugal:

ANTÓNIO CAMPOS - TRAVESSA NOVA DE S. DOMINGOS, 9 - 12-LISBOA

ALMANAQUE DOS DESPORTOS
Preço 40\$00 — Pedidos à Administração da «Stadium»
Rua da Rose 252 — Telefone 31187 — LISBOA

Curiosidades...

Fernando Moreira embarcou de avião, em Lisboa, em direcção a Marrocos. Como companhia — apenas a sua bicicleta.

O vencedor da última «Volta a Portugal» foi substituído pelo espanhol Ruiz, por lembrança de Julian Berrendero. Correrá isolado, evidentemente, mas a prova deve afinar as suas magníficas qualidades.

Os quatro jogadores do Porto que foram a treino ficaram surpreendidos por não terem alojamentos marcados no hotel para onde costumam ir. Valeram-se de um amigo para conseguirem lugar noutra hotel...

As exhibições de Fandão e de Pereira continuam a agradar bastante. Um amator lisboeta afirma-nos que o trabalho de ambos, em Almada e Cova da Piedade, impressionou fortemente. Claro: — só diz o contrário quem andar de má fé ou nada perceber de coisas do futebol.

Pensa-se nesta cidade que pode ser possível a visita do Torino, campeão de Itália. Oxalá seja verdade.

O Estádio do Lima está mal tratado. As últimas chuvas deixaram sulcos na terra, principalmente nas pistas. É o nosso melhor campo. O Académico merecia que as entidades oficiais ajudassem a sua reconstrução.

A equipa de atletismo do F. C. do Porto deve registar uma baixa: — a de Manuel Nuncio, actualmente a estudar em Coimbra. Nuncio regressará ao Sporting.

Também Eloi Costa Pereira, ausente na sua terra, embora em boa condição física, abandonou os treinos, não devendo por isso estar presente nas provas do ano.

A inclusão de Vítor Ruiz na equipa de ciclismo do F. C. do Porto não está assente. É mesmo natural que não seja utilizado.

Deve apreciar-se a acção de Scoppell, como treinador e como homem de desporto. Há jogadores do F. C. do Porto em bela forma, e se não fora uma série de infelicidades, no tocante a jogadores... — alguma coisa aconteceria!

Sanfins, chamado primeiro a treino da Seleção Nacional — já foi dispensado. Pobre rapaz! Ele continuará, disse estamos certos, a servir a sua colectividade, de ouvidos tapados à maldade.

Ao contrário do que chegou a correr, Vital não foi amistiado, até agora. Não beneficiou do indulto recentemente concedido pela Direcção Geral dos Desportos.

O jornalista portuense Leite Maia vai dirigir o jornal «Portos» — órgão dos campeões do Norte.

Vai ser apresentada uma lista na assembleia geral do F. C. do Porto. Trata-se de uma fusão de nomes, que se justifica e se impõe.

Stadium

na capital do Norte

Espíritos serenos...

Vai reunir-se de novo a assembleia geral do F. C. do Porto, para eleição dos seus corpos gerentes. Poderá parecer molesta e pouco imparcial a insistência, o falar momento a momento dos assuntos ligados ao popular clube, mas não é demais afirmar que o desporto desta terra gravita sistematicamente à volta da grande agremiação desportiva do Norte. Assim — o escrever-se sobre o F. C. P. torna-se habitual ou mesmo rigorosamente necessário.

Digamos, portanto, que foi anulada a eleição dos últimos corpos gerentes do nosso primeiro clube, e que outros directores vão ser escolhidos. Não pode o jornalista (ou não deve) bordar considerações de ordem pessoal, defender A ou B, atacar este e defender aquele. Essa liberdade pertence ao sócio do clube — e no lugar próprio. Os espíritos serenos, imparciais e justos, porém, amigos por sobre todas as coisas e questões, do bem estar das colectividades que muito honram o Porto, podem desejar nesta altura uma boa eleição.

Há bellísimos dirigentes para o F. C. do Porto. Temos por nós a certeza de que nunca lambemos as botas de ninguém, apenas nos interessando que os dirigentes amem a sua colectividade e procurem elevá-la no conceito dos desportistas nacionais. Nos últimos anos passou o F. C. do Porto por uma vida agitada. Nessa via agitada, todavia, não deixou de possuir elementos de bom pulso, sérios como os mais sérios, inteligentes, rigorosamente dignos. Como os do passado, com certeza. Dirigentes como o dr. Cesário Bonito, Eloi S. Ioa, Ioo Araújo, Augusto Gouveia, numa gerência; Alberto Brito, dr. Miguel Pereira, Gomes de Sousa, Albano Araújo, noutra; e ainda, quando for preciso — Jálilo Ribeiro de Campos, dr. Gomes de Almeida e tantos mais, devem merecer o aplauso e a simpatia de uma camada associativa numerosa e irregrueta.

Essa camada associativa não sabe nem deseja «dividir». Dividem-na, às vezes, certas pessoas. Pois cumpre-lhe responder no lugar próprio. Não há lugar para dissidências, nem para agitadores do alrilo. O F. C. do Porto tem homens de fibra, homens de bem, que sabem acompanhar os assuntos do clube inteligentemente, e não os pode expulsar do seu seio a gente encarregada de os escolher para lugares de responsabilidade.

Reunam-se todos para isso. Anulada e última eleição, deem-se as mãos os sócios eleitores e os possíveis eleitos, porque de serenidade, fé e espírito de sacrifício precisam uns a outros para levar a cruz ao caldeário!

A vitória do Tirsense

A vitória do F. C. Tirsense sobre o Sporting causou nesta cidade forte surpresa. E surpresa agradável, pode dizer-se, visto que, além de ser um clube da A. F. Porto, treina-o Artur de Sousa (Píngs), um homem que já mais será esquecido na capital do Norte.

Temos feito várias referências ao labor de Artur Sousa. Já dissemos aqui, por mais de uma vez, que a sua obra no simpático clube de Santo Tirso tem sido curiosa, embora bastante ajudada pelo seu antigo organismo, o F. C. Porto, que lhe cedeu grande número dos seus «reservas». O grande «Píngs» conhece o futebol por dentro e por fora, e os seus ensinamentos ao clube da 3.^a Divisão deram já retribuinte efeito: — a derrota aplicada ao Sporting, cam-

A JORNADA de Guimarães

OS portuenses conheciam a dificuldade. Era preciso ir a Guimarães na sua máxima força — e foram mesmo. A equipa, a despeito de lhe faltarem Araújo e Vital, tem valor e apresentou-se bem treinada por Scoppell. Mas, como jogava fora de casa...

No entanto, o seu comportamento foi brilhante. A sua defesa — inexcusable, efectuando

peço nacional, não apareça por mera cortesia do adversário. Um pouco de sorte à mistura, naturalmente, — mas... sempre um triunfo conquistado à custa de trabalho porfiado e inteligente.

Os tirsenses foram perder, depois, a Vila Real de Santo António. Jogaram na frente de outro clube da 1.^a Divisão Nacional, sendo eles da

O GINÁSIO CLUBE no Porto?

PESSOA bem informada diz-nos que veremos no Porto, a 3 de Junho, as famosas classe olímpica e classe de senhoras do Ginásio Clube Português. A exhibição seria feita no Coliseu do Porto, e no decurso de um festival promovido pela Mocidade Portuguesa.

Oxalá se confirme a notícia transmitida. A gente do Porto anda muito afastada dos espectáculos de ginástica, pelo menos, e por isso uma apresentação do Ginásio Clube Português, de nome e renome, poderia contribuir para que a segunda cidade do País voltasse a cultivar este género de educação física com o seu melhor entusiasmo.

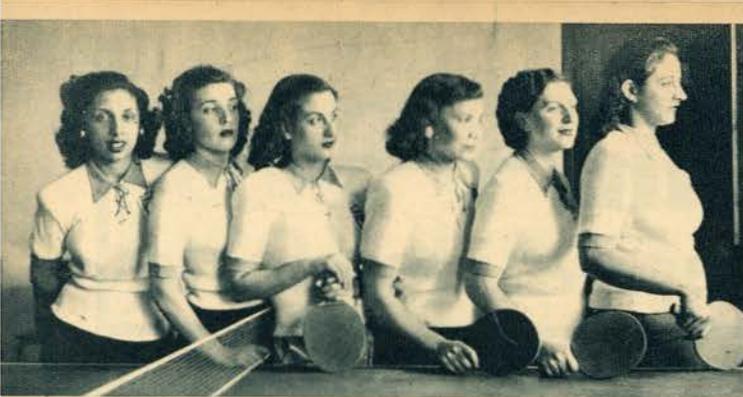
O Ginásio Clube tem nesta cidade muitos admiradores. A sua notável persistência, a sua indiscutível categoria entre as colectividades congêneres, impuzeram-no à consideração geral. Assim, se até nós vier com a classe recentemente apresentada em Casablanca, e também com as senhoras que formam a sua melhor equipa de conjunto, não lhe faltará o aplauso dos amadores da boa ginástica e das gentes que sabem reconhecer o seu esforço desportivo e patriótico.

Barrigana paradas de gigante, e destruindo Alfredo todo o jogo do avançado centro. Alfredo foi um autêntico pilar. Dominou Teixeira da Silva, e depois Curado — que o foi substituir. Carvalho — novamente em grande forma.

Jugou-se duro — naturalmente. Em Guimarães viveu-se uma grande jornada da «Taça» — talvez a melhor deste ano!

3.^a, e a «marca» não envergonha. Vê-se que os nortenhos de Santo Tirso podem progredir, animados por estes êxitos, e que se Artur Sousa lá continuar lhes será fácil criar novas aspirações.

Por agora — parabéns ao clube e ao treinador — o inseqüível Artur de tantas e tantas tardes gloriosas do F. C. Porto.



As representantes do G. D. Zimais no primeiro Campeonato de Pingue-Pongue: Da esquerda para a direita: Maria do Rosário Silva, Maria Regina Ribeiro, Fernanda Moraes, Maria Isabel Pinheiro, Gracieta Pêlo e Georgeto Ferreira



Concorrentes do C. A. T. n.º 50, que demonstraram nos primeiros jogos boas condições para se classificarem bem. Da esquerda para a direita: Maria Manuela Frouf, Maria Eugénia Rocha, Maria Margarida Rodrigues e Elisa Eugénia Gomes



Elisa Eugénia Gomes, uma das favoritas do torneio, numa jogada do seu estilo característico



Maria Manuela Frouf, uma «promessa» da modalidade acaba de devolver a bola

Sob a égide da F. N. A. T. AS SENHORAS PRATICAM DESPOR

A F. N. A. T. prossegue e alarga a sua missão. Já, indiscutivelmente, fez alguma coisa no plano de educação física. Pois quer ainda fazer mais! Este ano vão iniciar a sua actividade em provas desportivas dezenas e dezenas de trabalhadoras.

A educação física, no que respeita ao sexo feminino, tem-se limitado à prática da ginástica, desde 1940, e a alguns torneios de voleibol. Mas o Calendário Desportivo da F. N. A. T. para esta época — dá um passo adiante. Há várias provas femininas.

Na semana passada começou o 1.º campeo-

nato de Pingue-Pongue, com 18 concorrentes representando C. A. T. n.º 50, Grupos Desportivos da Companhia Carris de Ferro, Laboratório Zimais, Grémio dos Industriais de Panificação e Casa da Moeda.

O primeiro Campeonato de Tiro, à distância de 50 metros, reservado a senhoras, começa no próximo sábado, com 15 concorrentes.

Do referido Calendário consta ainda um Campeonato de Voleibol. Embora se trate de primeiras iniciativas — o movimento é animador. As raparigas trabalhadoras accorrem justificando as organizações da F. N. A. T.



Um aspecto da Carreira de Tiro da F. N. A. T. durante um treino de algumas das concorrentes que no sábado começam a disputar o primeiro campeonato organizado para senhoras, à distância de 50 metros

As Grandes Competições de Ténis PORTUGAL CONTRA INGLATERRA na disputa da Taça «DAVIS»

Cerca de vinte anos passados sobre a realização, em Portugal, dum encontro para a taça «Davis», voltam os nossos desportistas a ter ensejo de ver em acção os nossos melhores jogadores numa pugna, a contar para o mais importante certame mundial de ténis.

Portugal tornou a estar presente nessa competição a que — a bem dizer — não falta nenhuma nação onde a modalidade é praticada, na época transacta. A nossa equipa foi, então, de abalada até à Holanda, regressando vencida, sem que, todavia, os seus componentes tivessem deixado ser excelentes representantes do nosso desporto.

Este ano, a Federação Portuguesa de Lawn-Tennis voltou a inscrever-se. Feito o sorteio, este ditou, para adversário de Portugal, a Inglaterra, determinando mais que o encontro se efectuasse no nosso país. E aqui está como, dentro de dois dias, vamos assistir a uma das mais importantes provas a que os nossos tenistas têm sido chamados.

Estamos indubitavelmente em presença dum acontecimento transcendente do nosso ténis. Se participar em tão valioso certame é sempre transcendente para as nações mais habituadas a estas andanças... como poderia deixar de o ser para nós.



Francesco Romanoni



José Roquete



José da Silva



Tony Mottram



A equipa Lisboa-Porto, com o seleccionador José Prazeres, no Pavilhão dos Desportos, recebe os aplausos do público



Sidónio Serpa, condecora José Prazeres...



...e seu irmão Olivério faz o mesmo a Emídio

A CONSAGRAÇÃO DOS VENCEDORES DE MONTREUX



Os hoquistas nacionais, à chegada ao Aeroporto. O ambiente é de alegria. Todos o demonstram



Jesus Correia está rodeado pelos seus amigos. Mas primeiro — os abraços da família



O Senhor Director Geral dos Desportos, coronel Sacramento Monteiro, abraça Emídio Pinto, capitão da equipa nacional, depois de lhe entregar uma taça



CICLISMO

Proseguem com grande interesse os campeonatos regionais de ciclismo. Nas corridas de domingo Armando Gonçalves, do Benfica, foi o vencedor em seniores



O Lisboa Ginásio organizou um interessante torneio de tiro ao arco. Publicamos o grupo dos concorrentes e ao lado o gentil grupo das atiradoras



TIRO AO ARCO



Manuel Polido, do Liégas, o vencedor de júniores



Os ciclistas do Sporting treinam. Eis a chegada da sua prova de domingo. Primeiro, Vera, depois João Lourenço

CICLO-TURISMO



As secções de ciclo-turismo do Benfica e do Sporting estão em plena actividade. Isso mesmo o demonstraram no domingo disputando a sua prova de regularidade. Em cima: a equipa do Benfica, em baixo a do Sporting



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

Boxe

Principais resultados da última semana:

Na Europa, o nosso compatriota caboverdeano Rafael da Silva, hoje um dos mais seguros pugilistas da geração nova, classificou-se para a final do Torneio de Bruxelas reservado aos «semi-médios», derrotando amplamente por pontos o ex-campeão da Bélgica Willy Winnus.

Silva não só pôs o adversário no chão como o puniu severamente em todos os assaltos, excepto no nono, que foi equilibrado. O «match» decisivo disputar-se-á no dia 3 de Maio, contra o francês Charles Humetz.

◆ Dave Sands, campeão da Austrália de «médios» e «semi-pesados», homem qualificado como perigoso e possível competidor para o título mundial fracassou pela segunda vez, arrancando uma vitória por pontos por escassa diferença, diante do veterano pugilista francês Lucien Caboche — um homem que Francisco Peiró venceu há três anos!

O público londrino que presenciou o desafio, insurgiu-se contra o resultado, por julgar que o empate era mais justo.

◆ O combate efectuado em Milão, entre Mickey Laurent e Tiberio Mitri, dois «pesos-médios» de categoria, terminou com a vitória do italiano, por pontos, apesar de uma bela defesa do francês. Como se sabe, Mitri é o pretendente oficial ao título europeu em poder do jogador belga Cirilo Delannoit,

◆ Na América, o pugilista «levisíssimo» italo-tunisiense, Caetano Annaloro, que empatara há um mês com o canadiano Teddy Swain, voltou a medir forças com o mesmo. A decisão por pontos coube ao primeiro, desta vez.

◆ Jake La Motta, aquele «peso-médio» que Dauthuille puniu e derrotou com fracasso, despachou em quatro assaltos um jovem pugilista negro, de Detroit, chamado O'Neill Bell.

Futebol

Os jogos realizados nas férias pascoais e a contar para o Campeonato de França do popular desporto, determinou a seguinte classificação, após a 31.ª jornada:

Reims segue na frente, com 44 pts., seguido de Lille (41), Marselha e Rennes (38), Sochaux (35), Nice (34) etc.

O empate de Reims com Sochaux e a vitória de Lille sobre Nancy, permitem aos nordistas conservarem as suas probabilidades intactas.

◆ Na Holanda, em várias cidades do país, realizam-se à hora em que escrevemos vários encontros internacionais de futebol, entre juniores representando a França, Austria, Inglaterra, Irlanda, Bélgica, Escócia e Irlanda do Norte.

Na primeira jornada a França derrotou a Escócia (3-2), a Holanda a Austria (3-1) e a Irlanda depois de empatar com a Inglaterra (3-3) foi apurada por tiragem à sorte.

NOTA DA SEMANA

O desporto oferece-nos, bastantes vezes, situações imprevisíveis e extraordinárias, não andando longe o cómico e o trágico, aquele mais a miude que este — para bem da reputação de uma causa, ainda disculida por muitos, e salvação dos praticantes.

Algumas ocasiões nos havemos detido a lamuriar acerca das fatalidades ocorridas no ringue, uma das manchas negras mais infamias do jogo do soco, essencialmente violento mas irresistível como tudo quanto é profundamente humano. Hoje, porém, o assunto é outro. Nada de crepes, mas risos e exclamações de pasmo, pelo que aconteceu em Casablanca, no decorrer do campeonato de ténis do Norte de Africa.

Dois argelinos, Stumpf e Vidal, disputavam o match para a conquista do torneio e, ou porque os valores de ambos se nivelassem ou porque a resistência de um e outro baixasse depressa, quando eniraram na terceira partida encontravam-se totalmente exaustos.

Incentados pelo público — egoísta e feroz na sua intransigência costumada — ainda os dois raquetistas lutaram por alguns minutos. Breve fogo de vista, pois a seguir, num gesto simultâneo de solidariedade esportiva, dirigiram-se ao posto do árbitro e declararam que não podiam prosseguir competindo.

O juiz encontrava-se em transe semelhante, isto é, pronto a abandonar o cargo, mas as circunstâncias impunham que se escolhesse um vencedor e sob o império da necessidade, expôs o assunto aos dois interessados.

Agora é que sucedeu a mais inulgar resolução de quantas há memória em situações idênticas. Ambos propuseram uma tiragem à sorte, com moeda e ludo, acabando depressa o calvário de tão íngreme ladeira.

Anuiu o árbitro mas achou preferível utilizar um «jogo» de dados, pois no fundo tudo seria jogar, não topando diferença por aí além entre um passingshot decisivo e quatro «ases» à primeira tiragem.

A ideia foi perfilhada e assim se apurou o finalista do campeonato de ténis do Norte de Africa, por processo indirecto e excepcional.

Apesar da estranheza da solução, julgamo-la preferível a certos resultados que acontecem nos campos de futebol do nosso País. Ao menos não deixa lugar a dúvidas e tem coerência, pois que o pcker sempre foi um jogo de azares!

O Alderman Stanley Wilson e o Counciller C. W. Nelson, ambos do Conselho de Saffron, Walden Borough (Inglaterra) costumam discutir amiudadas vezes na defeza dos seus pontos de vista pessoais.

Isto, longe de os indispor, como seria natural se o seu temperamento anglo-saxónico fosse inclinado a inflamação fácil, esclareceu-lhes o espírito pouco a pouco, pelo que decidiram entender-se como adversários dentro das quatro cordas do ringue.

Tanto o respeitável alderman como o digno councillor passaram o cabo dos cinquenta anos de idade, isto é, as suas possibilidades físicas são bastante fracas, não permitindo ousadias no inter-câmbio de hooks, crosses e outras virtualhas equivalentes, do jogo. Mesmo assim, quando alguns amigos quiseram conhecer os motivos daquele desafio inter-veteranos — pensando nos perigos prováveis da tentativa — a explicação foi natural e simples:

«Estou convencido (tisse Mr. Wilson) que uma troca de socos nos fará bem, e nas próximas discussões seremos mais tolerantes um com o outro».

Como os desportistas de boa qualidade se estimam melhor quanto maior é a sua rivalidade, esta ideia parece-nos absolutamente certa. Bom seria que os antagonismos de todos os dias se pudessem transferir para o interior das quatro cordas, ao menos na perspectiva da transferência se tornar válvula de escape de maus sentimentos.

Rafael Borredas

Esgrima

O Campeonato do Mundo do desporto das três armas, em disputa na capital do Egipto, foi pouco favorável aos franceses, particularmente na prova de espada por equipas.

Depois de Cristiano d'Oriola, o jovem florista francês, ter conquistado a vitória individual na sua arma, o italiano Dario Mangiarotti triunfou em espada, contra os prognósticos da maioria. O fracasso dos atiradores galeses, em particular Artigas e Buhán, e de Eduardo Mangiarotti, outro favorito (que um coronel grego, Botassis, de sessenta anos eliminou!) causou grande sensação.

Por equipas a França classificou-se em quarto lugar, depois da Itália (vencedora) da Suécia e do Egipto.

Ténis

Os campeonatos de Paris, em curso no Estádio de Roland-Garros, permitiram ao primeiro jogador da França, Marcel Bernard, uma vitória assaz difícil sobre o bordelense Roland Journu por 10/12, 6/0 e 7/5.

◆ Em Miami, um jovem, Buddy Behrens surpreendeu os entendidos ganhando ao notável tenista americano Billy Talbert, por 2/6, 15/13 e 6/1.

Automobilismo

O Grande Circuito de Pau, prova difícil e cheia de prestígio, terminou com a vitória do volante italiano, Juan Manuel Fangio, piloto de Maserati, no tempo de 3 horas 35 m. 11,9 s. à média de 84,923 km/hora.

O vencedor manifestou grande pericia na viragem que preenchem aquele circuito, e são especialmente severas.

Ciclismo

A clássica corrida entre Paris e Roubaix, ganha pelo italiano Serse Coppi, achou-se prejudicada por um agente de policia que interveio na sinalização do percurso, complicando irremediavelmente a ordem de chegada. Serse é irmão do famoso «à» Fausto, cuja forma física deixa muito a desejar neste momento.

Moralmente, o vencedor da corrida foi o francês Mahe, que tomou por outro trajecto e acabou por ser desclassificado.

Os 244 km. do percurso foram percorridos em 6 h, 11 m. 59 s.

ESTORIL

COSTA DO SOL

(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

**Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos**

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

**Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.**

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Itália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Maçagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

**Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro**

CASINO

**Aberto todo o ano
Cinema - Concêrtos - «Dancing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados**

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL

CICLISMO

Armando dos Santos Gonçalves

ganhou a 2.ª prova de seniores

e Manuel Duarte Polido triunfou em juniores

AS duas provas dos campeonatos regionais de amadores correram por forma a despertar entusiasmo. Em juniores, que é actualmente a categoria de entrada, primou a quantidade — entre os seniores, a qualidade. Armando dos Santos Gonçalves, do Benfica, largando para a corrida com 16 segundos de atraso, completou oficialmente o percurso em 2 h. 39 m. 55 s., ou seja num minuto menos que Império dos Santos, no domingo anterior. A sua média é, por isso, superior — 37,519 km. Na categoria de juniores, a vitória sorriu a um corredor ainda pouco conhecido — Manuel Duarte Polido, do Lisgás.

Entre os dois domingos, a justificar de certo modo a melhoria dos «tempos», houve, digno de realce, a «limpeza» da pista, a saída à chegada dos corredores, e o estado da estrada, mais seca. Os estradistas puderam, assim, atacar mais confiadamente todo o percurso, e fazer em melhores condições o galope final, para a meta.

No grupo dos seniores merece relevo o facto de se terem classificado bem, nos dois primeiros lugares, Armando Gonçalves e Herculano Constantino, sacrificados na primeira prova por erro de visão de Fortunato Pereira, desta vez classificado em sexto. Gonçalves e Herculano fizeram o melhor «tempo» da ida, até Azambuja, ambos 1 h. 29 m. Armando Gonçalves foi, porém, superior, no regresso, fazendo 1 h. 19 m. 55 s., contra 1 h. 21 m. 17 s. do adversário. Albano Coelho, ven-

cedor de há quinze dias, teve dois «furos» — um à ida, perto de Vila Nova da Rainha; outro na volta, no Carregado. Continua, entretanto, à frente da classificação, com 4 pontos.

A ordenação final dos corredores ficou como segue: 1.º Armando dos Santos Gonçalves (Benfica) 2 h. 39 m. 55 s.; 2.º Herculano Constantino (Campo de Ourique) 2 h. 41 m. 17 s.; 3.º Albano Coelho (C. de O.) 2 h. 45 m. 25 s.; 4.º Mário Lourenço Dias (Lisgás); 5.º Fortunato Pereira (Lisgás), 2 h. 46 m. 38 s.; 6.º Ernesto Ludovino (Benf.), 2 h. 51 m. 3 s.; 7.º António Baptista (Benf.) 2 h. 51 m. 25 s.

Os juniores correram em geral com um equilíbrio que não permitiu ultrapassagens, para intervalos de 3 minutos num trajecto acentuadamente pequeno — 40 quilómetros. Honório Francisco, que estava e está à frente da classificação geral do campeonato, não conseguiu ter João Rodrigues Paulo à vista. Manuel Polido fez o melhor «tempo» — à ida e no regresso. Venceu, pois, bem.

Classificaram-se até o 7.º lugar: 1.º Manuel Duarte Polido (Lisgás) 1 h. 7 m. 53 s.; 2.º Américo Antunes de Almeida (Benf.) 1 h. 8 m. 39 s.; 3.º António Ludovino Agostinho (Benf.) 1 h. 9 m. 8 s.; 4.º Alfredo Neves (Lisgás), 1 h. 9 m. 13 s.; 5.º Antero Martins (Lisgás) 1 h. 9 m. 19 s.; 6.º Honório Francisco (Benf.) 1 h. 9 m. 53 s.; 7.º Alfredo Inácio (C. de O.) 1 h. 9 m. 58 s. 2/5.

Mário de Oliveira

**PORTUGAL contra a INCLATERRA
na Taça «Davis»**

(Continuação da pág. 12)

O ténis é uma modalidade que, como poucas, sabe ser fiel aos mais sãos princípios do desportivismo. Evidentemente que as nossas possibilidades não são das maiores. Mas, mais do que isso importa estar presente, para que o bom nome de Portugal não fique alheado deste certame mundial.

A tarefa dos nossos representantes não é fácil porque os ingleses gozam de excelente reputação no ténis europeu e até no universal. Mas, os nossos jogadores sabem ser brtosos e têm a vantagem de jogar no seu ambiente, perante um público que há-de «torcer» por eles e incitá-los. A vantagem dos portugueses... será desvantagem para os ingleses. E o contraste pode valerizar a réplica dos nossos tenistas.

A escolha recaiu em José Roquete, José da Silva e Domingos Avilez. Falta Eduardo Ricciardi — como quase sempre desinteressado. Os três jogadores têm sido treinados por Francisco Romanoni e seguido cuidada preparação, conscientes da respon-

sabilidade que sobre eles impende. Serra e Moura será o capitão da equipa, podendo acrescentar-se que o cargo não podia ter sido melhor entregue. Roquete, Silva e Avilez são já «internacionais».

A representação inglesa foi confiada a Mottran, Pals e Lewis. O dr. Gregory será o capitão. Treinador: Maskell. Quem poderá duvidar de que se encontram entre nós os três melhores tenistas ingleses da actualidade? As suas exhibições são autêntica «novidade», porque a despeito das muitas incitativas a que a F. P. I. T. tem metido ombros, nenhum daqueles jogadores nos tem visitado.

Este Portugal-Inglaterra, sem dúvida, destinado a estreitar ainda mais os laços de amizade que nos unem à Inglaterra, será jogado no Estádio Nacional, na sexta-feira, sábado e domingo.

Vão portanto ser três reuniões excelentes de desporto e mundanismo sabido como é que o público do ténis é sempre selecto e elegante.

D. D.



O FUTEBOL BENFICA NA BELGICA

UM HONROSO 3.º LUGAR

O grupo de honra de oquei em campo do Futebol Benfica — com dirigentes e árbitro — que tomou parte no torneio internacional de Bruxelas e se classificou num honroso 3.º lugar. Esta fotografia foi tirada no terreno da Asub, momentos antes do «baptismo», contra a equipa daquele clube



O VIENA EM COIMBRA



O Viena, das melhores equipas da Áustria, depois de jogar em Lisboa, Porto e Ovar exibiu-se em Coimbra, contra a selecção da cidade universitária. Triunfou por 5-2. Duas fases do encontro: um bom golpe da defesa coimbrã, à esquerda; e o 2.º golo dos austriacos, à direita

O desporto em BISSAU



Um aspecto das elegantes tribunas e bancadas do Estádio Governador Sarmiento Rodrigues, em Bissau, durante a final do Campeonato Internacional de Futebol da África Ocidental, entre as selecções de Dakar, S. Luis de Senegal, Bathurst e Bissau, do qual saiu vencedor, pela 2.ª vez, o grupo português, derrotando os ingleses por 3-1 e os franceses (Dakar) por 3-1



ALVARO CARDOSO consorciou-se



Conсорciou-se no último sábado, com a gentil sr.ª D. Maria Amélia Dias Ferreira, de Avilez, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o antigo capitão da equipa nacional e do Sporting — Alvaro Cardoso. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Amélia Dias Ferreira e sr. Luis Avilez de Quadros; pelo noivo, José Cardoso da Silva, D. Clotilde Maria da Silva, A Alvaro Cardoso e sua Ex.ª Esposa, de seja a nossa Revista as melhores felicidades.

O PROXIMO NÚMERO DA STADIUM

sairá na 5.ª feira, dia 5 de Maio, publicando uma reportagem ilustrada completa, Crónica e Apontamentos do jogo

TORINO — BENFICA

OS CAMPEÕES DE BASQUETEBOL (2.ª Categorias) — confraternizam

O Atlético Clube de Portugal é campeão de basquetebol, em 2.ª categoria. Por isso foi prestada uma significativa homenagem aos vencedores. Aqui o vemos em alegre convívio